

PROJETO *PERTENSER*: O PAPEL DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO FUNDAMENTADA NA PERSPECIVA DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DECOLONIAL

Michelle Rubiane da Rocha LARANJA¹

Doutora em Letras/Unesp
Docente/IFSP/Câmpus São Paulo

Cibelle Correia da SILVA²

Doutora em Letras/USP
Docente/IFSP/Câmpus São Paulo

Helena Regina Esteves de Camargo³

Doutora em Linguística Aplicada/Unicamp
Docente colaboradora/IFSP/Câmpus São Paulo

Daniel Teixeira MALDONADO⁴

Doutor em Educação Física/USTJ
Docente/IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O objetivo deste relato é descrever o projeto de extensão *PertenSer*: construção de interculturalidade com crianças migrantes, que é coordenado por uma servidora técnico-administrativa, duas professoras e um professor vinculados à Diretoria de Humanidades do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e duas professoras voluntárias. O texto apresenta um breve histórico do projeto, sua fundamentação teórica e organização didático-pedagógica. Para evidenciar a relação entre teoria e prática nas atividades extensionistas, um plano de ensino é descrito no final do trabalho. Concluímos que as ações de extensão são extremamente importantes para manter uma relação dialógica, humanizada e descolonizada entre a comunidade acadêmica dessa instituição de ensino e os migrantes que residem no entorno do IFSP.

Palavras-chave: Projeto de Extensão; Educação Intercultural; Pedagogia Decolonial.

¹ Endereço eletrônico: michelle.laranja@ifsp.edu.br

² Endereço eletrônico: cibellesilva@yahoo.com

³ Endereço eletrônico: helcamargo@yahoo.com.br

⁴ Endereço eletrônico: danielmaldonado@ifsp.edu.br

Introdução

O presente relato tem o objetivo de descrever a projeto de extensão *PertenSer*: construção de interculturalidade com crianças migrantes, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP), em parceria com o coletivo *Sí, yo puedo!*

Para tanto, apresentamos um breve histórico do projeto, seguido da fundamentação teórica e organização didático-pedagógica que o norteiam. Passamos, então, para a exposição de um plano de aula desenvolvido como parte das atividades de formação docente do projeto. Por fim, salientamos o papel preponderante da extensão para manter uma relação dialógica, humanizada e descolonizada entre a comunidade acadêmica dessa instituição de ensino e os migrantes que residem no entorno do IFSP.

Histórico do Projeto *Pertenser*

O *Pertenser* é resultado da iniciativa das servidoras administrativas da reitoria do IFSP Rocio Quispe Yujra e Daniele Yura, que, em 2017, somaram esforços para direcionar um projeto de extensão às crianças da comunidade do entorno da instituição, qual seja, migrantes latino-americanos, sobretudo, bolivianos.

Localizado em frente à praça Kantuta, notadamente um espaço de sociabilidade e convivência da comunidade boliviana no município de São Paulo, o IFSP foi, por muitos anos, um espaço conhecido apenas dos muros para fora pelos migrantes de seu entorno. Pensando metaforicamente, o IFSP praticamente representava uma fronteira do acesso à educação. Ao perceber a ausência de migrantes no Ensino Superior brasileiro, a migrante boliviana Veronica Quispe Yujra fundou, em 2012, o coletivo *Sí, yo puedo!*. Desde então, o coletivo vem executando ações para promover o acesso de migrantes à educação, sobretudo o ensino técnico e superior. O IFSP vem sendo parceiro do coletivo, disponibilizando suas dependências e seus equipamentos para os diversos cursos promovidos pelo coletivo desde que Rocio Quispe Yujra, irmã de Veronica, passou a integrar o quadro administrativo da instituição.

Durante as aulas do cursinho preparatório oferecidas pelo *Sí, Yo Puedo!*, foi identificada a pouca familiarização com a língua portuguesa como causa para a

dificuldade de compreender e interpretar o conteúdo das diversas disciplinas ensinadas. Pensando em sanar tal dificuldade na etapa escolar anterior à que se encontravam os migrantes atendidos nos cursos do coletivo, Rocio e Daniele Yura organizaram o projeto de extensão, nomeado, à época, *Cultura Brasileira para Estudantes Hispano-falantes*, vinculado à reitoria do IFSP. Os principais objetivos desse projeto eram oferecer aos estudantes migrantes, com faixa-etária entre 11 a 14 anos, atividades que promovessem e facilitassem a apropriação da língua portuguesa e, ainda, apresentassem e discutissem aspectos das construções culturais brasileiras por meio da oralidade, da escrita e da leitura através de uma metodologia pautada na ludicidade. O objetivo principal era concretizar a missão do IFSP de ser um agente de transformação da sociedade por meio da difusão do conhecimento e da formação cidadã e de firmar seu comprometimento social junto a seu entorno. O projeto de extensão dispunha de uma verba para a compra de materiais e de lanche seco, além de duas bolsas para discentes, que ministravam as aulas. A carga total da ação era de 123 horas, divididas entre 81 horas/aula e 42 horas de planejamento para os bolsistas. Os encontros aconteciam aos sábados, pois as crianças participantes do projeto frequentavam a escola durante a semana e, por serem menores de idade, precisavam de um adulto responsável para acompanhá-las no trajeto de ida e volta do câmpus do IFSP.

Durante o primeiro ano do projeto, os participantes notaram que o conhecimento da língua portuguesa por parte das crianças não era muito diferente daquele apresentado por crianças não-migrantes da mesma faixa-etária. Contudo, havia outras necessidades latentes, sendo a principal delas conhecer a cidade onde moram e reconhecer-se como detentores de direitos sobre o que ela tem a oferecer a seus habitantes. Assim, em 2018, o foco das ações do projeto passou a ser auxiliar as crianças a desenvolverem sentimento de pertença à cidade. Consequentemente, houve uma significativa mudança no conteúdo programático, que passou a se basear em temas mensais, tais como migração, trabalho, saúde, sensações e emoções, para citar alguns. Coordenação e bolsistas se encontravam quinzenalmente para discutir os temas e o preparo das aulas. As duas bolsistas selecionadas, em parceria, preparavam planos de aulas relacionados ao tema do mês, que eram supervisionados pelas coordenadoras do projeto. As bolsistas também ministravam as aulas conjuntamente todos os sábados, com a supervisão de pelo menos uma coordenadora. O intuito das aulas era trabalhar o tema mensal de forma

a preparar as crianças para um passeio, realizado ao final de cada mês, de modo a tornar a experiência no espaço visitado o mais significativa possível.

Em 2019, o projeto vinculou-se ao câmpus, e não mais à reitoria. As principais mudanças foram o número de bolsistas (de dois para dez), o mote dos temas mensais (artigos dos Direitos Humanos) e o nome do projeto, que, após problematizações e discussões da noção de cultura (GARCÍA-CANCLINI, 2001; MAHER, 2007), passou a se chamar *Construção de interculturalidade com crianças migrantes*. Para ampliar a divulgação do projeto, o Departamento de Comunicação da reitoria do IFSP criou um logo e sugeriu que fosse escolhido um nome cativante e mais curto. Foi então que surgiu o nome *PertenSer*, uma palavra que aglomera o sentido de se pertencer a um lugar como sinônimo de ser parte dele.

Para 2020, o *PertenSer* segue vinculado ao câmpus do IFSP, com oito bolsas disponíveis. Decidiu-se, contudo, abrir apenas uma turma para a faixa-etária de 9 a 12 anos. Coordenam o projeto Daniel Teixeira Maldonado, Michelle Rubiane da Rocha Laranja e Cibelle Correia da Silva, docentes do Departamento de Humanidades do Instituto, Rocio Quispe Yujra, servidora administrativa da reitoria, Caroline Ramos e Helena Regina Esteves de Camargo, docentes voluntárias. O projeto, agora, está organizado em três áreas principais, cada uma sob orientação de um coordenador docente do IFSP, às quais os oito bolsistas estão vinculados da seguinte forma:

Quadro 1 – Vinculação de bolsistas às áreas

ÁREA	BOLSISTA
Língua e Linguagens	Melissa Martins - discente do 8º semestre de Licenciatura em Geografia. Thamiris Lemos Vieira - discente do 7º semestre de Licenciatura em Letras.
Letramento Literário	Agdo José Farias de Sousa - discente do 8º semestre de Licenciatura em Geografia. Paula Hellen de Almeida Pinto - discente do 6º semestre de Licenciatura em Matemática.
Práticas Corporais	Fernanda de Paulos – discente do 1º semestre de Licenciatura em Letras. Rhayssa Sthephany da Silva Felipe - discente do 1º semestre de Licenciatura em Química.

Fonte: Autores

Há, ainda, a área de Divulgação Cultural, sob orientação de Daniel Teixeira Maldonado, voltada a organizar e veicular informações sobre o projeto, responsável pela criação e manutenção do *site* do *PertenSer*. Vitória de Sousa Santos, discente do 3º semestre de Turismo, e Grazielli Lima Berti, discente do 1º semestre de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, são as bolsistas que integram essa área e também participam das discussões levantadas nas demais áreas.

Os encontros de formação vêm sendo realizados semanalmente, por meio virtual, intercalando reuniões em que os bolsistas se reúnem em suas áreas com seus orientadores e reuniões com o grupo todo. As atividades de formação incluem indicação e discussão de textos e elaboração dos planos de aula. Até o momento de término da escrita deste texto, as inscrições ainda não haviam sido abertas à comunidade por conta da pandemia do COVID-19 e da necessidade de isolamento social.

Fundamentação teórica da perspectiva intercultural e decolonial

Nos últimos anos, a problemática das relações entre educação e diferenças culturais tem sido objeto de inúmeros debates, reflexões e pesquisas no Brasil e em todo o continente latino-americano, multiplicando os desafios de construir processos educativos fundamentados nas premissas da educação intercultural (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

Nesse contexto, Oliveira e Candau (2010) mencionam que os sistemas de ensino e o espaço acadêmico sempre privilegiaram a afirmação dos conhecimentos produzidos pelo Ocidente como os únicos legítimos e com capacidade de acesso à universalidade e à verdade, promovendo o racismo epistêmico. Nessa esteira de pensamento, os referidos autores concordam com a defesa de Sousa Santos (2006) de um projeto de emancipação epistêmica, em que diferentes formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia como nos movimentos sociais, sejam valorizadas, descartando a ideia da existência de verdades únicas e universais. Tal projeto encontra ressonância na pedagogia decolonial, ou seja, em modos de ensinar que visibilizem saberes e conhecimentos que nos fazem não universalizáveis (L. M. T. M. DE SOUZA; MARTINEZ; FIQUEIREDO, 2019), estendendo o *status* de conhecimento aos saberes e às práticas ancestrais, tradicionais e populares.

Acreditamos ser de fundamental importância combater a discriminação e o preconceito presentes na nossa sociedade e nas nossas escolas, no intuito de promover uma educação atenta à diversidade cultural e à diferença. Assim, Moreira e Candau (2003) salientam que o ponto de partida para se caminhar na direção de uma educação intercultural e antidiscriminatória implica reconhecer a existência dessa problemática e não silenciá-la, revelando seu conteúdo discriminador e de negação do “outro” da educação tradicional.

Dessa forma, todas as ações previstas no projeto de extensão *PertenSer* se fundamentam na perspectiva intercultural, que visa

[...] promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAUI, 2008, p. 52).

O projeto baseia-se na legislação que garante o direito à educação para a criança e o adolescente em situação de imigração e de refúgio⁵. Ao ampliar o conhecimento dos participantes por meio de atividades lúdicas, com conteúdo diverso, e de passeios a centros de lazer e cultura da cidade, as crianças migrantes que residem no entorno do IFSP podem aprofundar seu entendimento de cidadania, reconhecendo que são portadoras de direitos e deveres, e, assim, fortalecer seu pertencimento à cidade e à sociedade. Dessa forma, são realizadas atividades interdisciplinares divididas em três áreas principais: “Língua e Linguagens”; “Práticas Corporais e Educação Intercultural” e “Letramento Literário e Interculturalidade”, as quais permitem a reflexão contínua, por parte dos alunos bolsistas, sobre as práticas que possibilitem às crianças a inserção na sociedade em que vivem atualmente.

No intuito de valorizar a língua e a cultura das crianças migrantes e, ao mesmo tempo, colaborar para o sentimento de pertencimento delas em nossa sociedade, a

⁵ A legislação que assegura os mesmos direitos à educação para crianças brasileiras, migrantes e refugiadas pode ser verificada na Constituição Federal (Arts. 53º, 54º e 55º), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Arts. 2º e 3º), pela Lei de Migração (Arts. 3º e 4º) e pelo Estatuto dos Refugiados (Arts. 43º e 44º).

proposta da área de “Língua e Linguagens” é tratar das línguas e culturas presentes na vida dos participantes. Alguns de nossos objetivos são tratar das línguas existentes no Brasil e na Bolívia e tratar da cultura e literatura infantil brasileira e boliviana, com foco na questão indígena. Já a proposta da área “Letramento Literário e Interculturalidade” parte das reflexões sobre a importância da Literatura para práticas sociais significativas. Partindo do entendimento de que toda leitura “é vista como um ato de se colocar em relação a um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos” (ROJO, 2004), consideramos a capacidade de interpretação crítica e de interação no processo de formação do leitor e propomos o Letramento Literário (COSSON, 2009) para embasar as práticas didáticas a partir da compreensão intercultural da realidade. Por sua vez, na área de Práticas Corporais e Educação Intercultural, entende-se que as práticas corporais (esportes, danças, lutas, ginásticas, jogos e brincadeiras) foram construídas historicamente pela humanidade ao longo do tempo e, portanto, todas essas manifestações são dotadas de cultura e significados para as diferentes comunidades (NEIRA, 2014). Nesse contexto, a área de Práticas Corporais e Educação Intercultural visa valorizar as diferenças culturais e diminuir as desigualdades sociais, estimulando a ampliação da consciência crítica dos alunos e das alunas sobre as manifestações da cultura corporal. Assim, o principal objetivo da área é ampliar a leitura do mundo sobre as práticas corporais de todos os participantes do projeto, possibilitando a troca de experiências entre diferentes culturas, partindo das vivências, ressignificações e ampliação das diferentes formas de linguagem do movimento humano.

Nos quadros 2, 3 e 4, todos os objetivos das áreas do projeto serão apresentados.

Quadro 2 – Objetivos da área de Língua e Linguagens

Língua e Linguagens

Bloco 1: Línguas do Brasil

- Conhecer as línguas faladas pelas crianças do projeto e seus familiares.
- Tratar da história da Língua Portuguesa e das línguas do Brasil (Língua Portuguesa, línguas indígenas e quilombolas).
- Conhecer quais línguas indígenas existem no Brasil, com foco para línguas indígenas do estado de São Paulo.

- Observar, a partir de leituras e de vídeos, que o português brasileiro possui variações que podem ocorrer de acordo com o contexto comunicativo (variação diafásica), de acordo com a região (diatópica) ou de acordo com os grupos sociais (diastrática). Refletir sobre o prestígio e sobre o preconceito que sofrem determinadas variações e refletir sobre a relação entre preconceito linguístico e preconceito racial e/ou social.
- Conversar sobre o “português que falamos”, refletindo sobre nossa trajetória, influências e preferências.
- Visitar o Museu da Língua Portuguesa, a fim de ampliar e consolidar as reflexões realizadas em nossos encontros.

Bloco 2: Povos Indígenas

- Aprofundar a questão das línguas indígenas no Brasil; conhecer aspectos da cultura e literatura infantil indígenas no Brasil.
- Tratar, a partir da experiência das crianças, das línguas indígenas existentes na Bolívia (ou de outros países) e estudar aspectos dessa cultura a fim de valorizar língua e cultura das crianças migrantes.
- Contar histórias e realizar rodas de conversa sobre as identidades indígenas no Brasil e na Bolívia.
- Visitar aldeia indígena ou Museu relacionado à cultura indígena, com o propósito de ampliar e consolidar as reflexões realizadas em nossos encontros.

Fonte: Autores

Quadro 3 – Objetivos da área de Letramento Literário e Interculturalidade

Letramento Literário e Interculturalidade

- Realizar leituras de obras literárias oriundas de diferentes culturas, levando em consideração os contextos de produção, para contribuir com a compreensão da interculturalidade.
- Desenvolver, com os alunos bolsistas, reflexões acerca da escolarização da Literatura, pensando em práticas pedagógicas relevantes para a formação de leitores.
- Criar estratégias de Letramento Literário, valorizando diferentes etapas de leitura: desde a decodificação e compreensão até a leitura interpretativa e crítica das crianças, que serão estimuladas a interagir com obras de diferentes gêneros e estilos para que reconheçam a leitura como uma prática social significativa.
- Relacionar, sempre que possível, a leitura literária com a leitura de outras linguagens artísticas, como a música, o teatro, o cinema, as artes plásticas, a fotografia, etc., inclusive por meio de visita a exposições diversificadas.

Fonte: Autores

Quadro 4 – Objetivos da área de Práticas Corporais e Educação Intercultural

Práticas corporais e educação intercultural

- Pesquisar manifestações da cultura corporal de diversas regiões do mundo, com ênfase para as danças, lutas, jogos, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras de matriz africana e indígena.

- Problematicar os aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais que atravessam as manifestações da cultura corporal.
- Vivenciar práticas corporais de diferentes culturais.
- Visitar espaços culturais que tematizam as manifestações da cultura corporal (museu do futebol, museu afro, exposições no SESC, etc.).
- Descolonizar as mentes dos participantes sobre a cultura das danças, ginásticas, esportes, lutas, jogos e brincadeiras.
- Ampliar a leitura de mundo dos bolsistas e das crianças sobre os conhecimentos que fazem parte das manifestações da cultura corporal.
- Romper com os preconceitos relacionados com a diversidade cultural a partir de discussões e debates relacionados com as manifestações da cultura corporal.

A título de exemplo, apresentamos um plano de aula desenvolvido para a área de Práticas Corporais e Educação Intercultural pelas estudantes Fernanda e Rayssha.

Práticas corporais e educação intercultural: jogos e brincadeiras de matriz indígena

A área do projeto *PertenSer* intitulada “Práticas corporais e educação intercultural” está fundamentada em princípios ético-crítico-políticos que inspiram a organização de uma prática político-pedagógica que busca descolonizar o currículo e promover a justiça curricular, a partir da tematização e da problematização das manifestações da cultura corporal (MALDONADO; NOGUEIRA, 2020).

Assim, tematizar e problematizar as práticas corporais advindas de diferentes contextos socioculturais, possibilitando que as atividades de ensino propostas considerem a realidade de diversificados grupos sociais, valorizando e respeitando as suas identidades e diferenças, evidencia a ideia de justiça curricular e descolonização do currículo, que tem como intencionalidade, na sua essência, promover a construção de um mundo mais humano, justo e democrático (SANTOMÉ, 2013).

Nesse contexto, todas as ações didáticas planejadas passam a ser organizadas a partir da produção de conhecimento das Ciências Humanas, viabilizando que os estudantes possam debater, analisar e refletir sobre os aspectos históricos, políticos, sociais e econômicos das danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras, reconhecidas como linguagens que expressam uma parcela do patrimônio cultural da humanidade.

Portanto, a perspectiva intercultural e decolonial defendida na fundamentação do projeto é colocada em evidência na medida em que as aulas sobre as práticas corporais de diferentes culturas são planejadas entre bolsistas e coordenadores dessa área. Nesse contexto, apresentamos um plano de ensino com o tema de jogos e brincadeiras de matriz indígena.

Os objetivos estabelecidos para essa aula foram: apresentar diferentes etnias indígenas presentes no território brasileiro; valorizar a cultura dos povos originários; analisar a luta vivenciada pelos indígenas para manter o seu modo de vida; problematizar como os povos originários produzem conhecimentos e vivem a partir deles; debater sobre a relação entre modernidade e as tradições dos povos indígenas; e vivenciar os gestos dos jogos e brincadeiras realizados nos territórios das etnias indígenas brasileiras.

O plano foi dividido entre sensibilização, desenvolvimento e encerramento para melhor compreensão dos leitores e das leitoras das atividades propostas. A seguir, apresentamos cada uma das partes do plano.

Sensibilização

A aula será iniciada com a apresentação de um mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível em seu *site* (<https://indigenas.ibge.gov.br/downloads.html%3E>), sobre a distribuição indígena no Brasil, apontando a diversidade cultural existente entre os povos originários e o território em que eles vivem no Brasil.

Nessa página do IBGE, é possível encontrar dados censitários sobre os povos originários dos anos de 1991, 2000 e 2010. O Censo de 2010 investigou o pertencimento étnico e as línguas indígenas faladas, além de identificar a população residente nas terras indígenas e fora delas.

Após a apresentação de todas essas informações, uma entrevista realizada com um representante dos povos originários, que reside em uma aldeia da Bahia, será apreciada. No vídeo gravado por ele, serão evidenciadas as brincadeiras realizadas no seu território e um pouco da cultura da sua etnia, para desconstruir a ideia do índio brasileiro ingênuo, que utiliza roupas exóticas e emite barulhos “estranhos”, muito disseminada nos livros didáticos.

Desenvolvimento

Ao iniciar a parte principal da aula, os bolsistas irão mostrar diferentes materiais que foram produzidos sobre os jogos e brincadeiras realizados por etnias indígenas brasileiras. Colocar em evidência esses livros e artigos é muito importante para que as crianças possam compreender que existem pesquisadores e pesquisadoras que se preocupam em registrar a diversidade cultural existente entre os povos originários. Essas práticas corporais foram encontradas nas produções acadêmicas de Grando, Xavante e Campos (2010), Soares e Debortoli (2019) e Souza *et al.* (2019).

Após vivenciar cada jogo e brincadeira de uma determinada etnia indígena, informações sobre a cultura desses povos originários brasileiros serão problematizadas com as crianças do projeto. No quadro 5, é possível realizar a leitura da descrição dessas práticas corporais e dos conhecimentos que serão analisados durante as aulas.

Quadro 5 – Jogos e brincadeiras realizados em diferentes etnias indígenas brasileiras

ETNIA	JOGOS E BRINCADEIRAS
Kalapalo Etnia que vive no sul do Parque Indígena do Xingu (localizado no Mato grosso). Atualmente sua população total é de 385 e as línguas utilizadas são o português e a cuicuro-calapalo.	Heiné Kuputisü Popularmente chamado de “corrida do saci”. São pré-estabelecidas a chegada e a largada (+/- 100 metros), e o corredor deve, com uma perna só (sem trocar), andar ou correr até onde conseguir. Ganha aquele que consegue atingir a linha de chegada.
Xavantes Etnia que vive no leste do Mato Grosso, distribuída em 12 terras indígenas, totalizando 18.214 indivíduos. Eles utilizam duas línguas: a portuguesa e a xavante.	Tatu Em uma fila, a primeira pessoa agarra um tronco e as outras se agarram sequencialmente. Outro de fora da fila tenta retirar cada participante, um por um, até chegar ao primeiro.
Guarani Uma das mais representativas etnias indígenas das Américas. No Brasil estão distribuídos no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Pará, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Tocantins e Rio de Janeiro, totalizando uma população no de 34.000. Falam três línguas, o guarani, o castelhano e o português.	Mangá Um jogo Guarani, também praticado por outros grupos, popularmente conhecido como peteca. Dois adversários com as “petecas” nas mãos tentam atingir um ao outro e ao mesmo tempo se proteger. O primeiro atingido sai para a entrada de outro.

<p style="text-align: center;">Wapixanas</p> <p>Etnia que vive em Roraima, totalizando uma população de 13.000. Possuem uma variação de quatro línguas: português, espanhol, inglês e wapixana.</p>	<p style="text-align: center;">Ketinho Mitseliü</p> <p>Popularmente conhecido como “cama de gato”. Usando um grande pedaço de barbante (amarrado nas pontas), duas pessoas com as mãos formam desenhos no barbante.</p>
<p style="text-align: center;">Tikunas</p> <p>Etnia que vive na fronteira do Peru- Brasil e no trapézio amazônico da Colômbia. Somando uma população total de 51.359 indígenas, são o maior número no Brasil (36.000) e o povo indígena mais numeroso da Amazônia brasileira. Sua língua é a Tikuna.</p>	<p style="text-align: center;">Cabas-maë</p> <p>As crianças se dividem em dois grupos, os que “trabalham na roça” e as cabas (marimbondos). As cabas sentam formando uma roda, segurando as mãos de quem está do seu lado, assim formando um “ninho”, cantando e balançando as mãos para cima e para baixo. Os “trabalhadores da roça” fingem que estão cuidando da plantação até chegarem perto do ninho das cabas. Um deles esbarra no ninho e as cabas saem voando para picar os trabalhadores, que fogem delas. Os trabalhadores que forem pegos saem da brincadeira.</p>
<p style="text-align: center;">Deni</p> <p>Estão entre os grupos indígenas do Estado do Amazonas e, na década de 1940, sofreram os impactos do segundo ciclo da borracha, que atraiu milhares de migrantes. Com estes, vieram doenças, violentas disputas territoriais e exploração da mão-de-obra indígena. Desde então, os Deni tiveram que esperar décadas até terem seus direitos territoriais assegurados, sendo preciso iniciar uma campanha de autodemarcação das terras, que só foi concluída em agosto de 2003.</p>	<p style="text-align: center;">Corrida de flecha</p> <p>Os participantes seguem por uma trilha na floresta preparada especialmente para a ocasião. Cada aldeia tem seus representantes, que devem correr com uma flecha, passando para seus companheiros, com objetivo de saber quem corre mais e chega antes à aldeia anfitriã. Ao chegarem à aldeia, todos vão comer caça e banana e tomar caçuma. No caso da brincadeira, as crianças correrão até chegar ao local do lanche.</p>
<p style="text-align: center;">Bororo</p> <p>Detêm seis terras indígenas demarcadas no Estado do Mato Grosso, num território descontínuo e descaracterizado, que corresponde a uma área 300 vezes menor do que o território tradicional. Existe hoje um montante de aproximadamente 1.024 pessoas dessa etnia.</p>	<p style="text-align: center;">Jogo da onça</p> <p>Um tabuleiro é produzido na terra e pedras são usadas como peças. Uma pedra representa a “onça”, sendo diferente das demais. Outras 15 peças representam os “cachorros”. Um jogador atua com a “onça”, com o objetivo de capturar os “cachorros”. A captura da “onça” é realizada quando os “cachorros” a encurralam, deixando-a sem possibilidades de movimentação.</p>

<p style="text-align: center;">Irantxe</p> <p>Fazem parte do grupo Manoki e se localizam em duas terras indígenas no oeste do Estado do Mato Grosso. Em 2000, os Manoki contavam com uma população de cerca de 250 pessoas, distribuídas em seis aldeias.</p>	<p style="text-align: center;">Futebol em dupla</p> <p>As crianças jogam futebol, seguindo as regras já conhecidas do esporte, mas em duplas, sem poder soltar a mão do seu parceiro. Ganha a equipe que fizer mais gols.</p>
<p style="text-align: center;">Baré</p> <p>Integram a área cultural conhecida como Noroeste Amazônico. São aproximadamente 140 sítios e povoados, onde residem cerca de 3.200 pessoas.</p>	<p style="text-align: center;">Bola de gude – ronda</p> <p>As crianças desenham um círculo no chão dentro do qual são colocados caroços de tucumã. A seguir eles desenham a linha de jogo, distante cerca de dois metros do círculo, e sorteiam a ordem dos jogadores. O primeiro jogador sorteado inicia o jogo, cuja finalidade é acertar um ou vários caroços de tucumã, colocando-os para fora do círculo delimitado.</p>
<p style="text-align: center;">Parecis</p> <p>Atribuem a criação do esporte a Wazare, uma entidade mitológica. De acordo com o mito, foi ele quem distribuiu o povo pareci pelas suas terras e, antes de voltar a seu mundo, celebrou uma grande festa. Durante essa comemoração, Wazare mostrou que é a cabeça que comanda o corpo, e poderia também ser usada para demonstrar habilidades físicas, e assim criou o xikunahati.</p>	<p style="text-align: center;">Xikunahati</p> <p>Significa literalmente futebol de cabeça. É disputado por duas equipes. Cada equipe fica de um lado do campo e não é permitido ultrapassar a linha divisória. Utiliza-se uma bola feita de seiva de mangabeira, e só é permitido tocá-la com a cabeça. O objetivo, como no vôlei, é lançar a bola para o campo adversário de forma a impedir que a outra equipe consiga devolvê-la.</p>

Fonte: Autoras

Após a vivência dos gestos de todos esses jogos e brincadeiras, será realizada uma roda de conversa, por meio da qual algumas informações sobre a cultura das etnias indígenas serão disseminadas e um debate será organizado com a intenção de refletir sobre as práticas corporais realizadas pelos povos originários. A ideia, nesse momento, é analisar por que em vários lugares do mundo o ato de brincar é tão valorizado e as brincadeiras acabam sendo muito parecidas, mas com nomes, regras e significados

diferenciados. Finalizaremos essa conversa perguntando se as crianças já tinham realizado algum jogo parecido com aqueles vivenciados na aula.

Encerramento

As crianças serão organizadas em grupos para analisar uma reportagem sobre as condições de vida das etnias indígena no Brasil. Os textos selecionados para essa tarefa estão descritos no quadro 6.

Quadro 6 – Reportagens sobre as condições de vida das etnias indígenas no Brasil

- Estatal ignora etnia em extinção para aprovar hidrelétrica na Amazônia

<https://theintercept.com/2019/04/23/hidreletrica-indigenas-tapayunas-ameacados-mt/>

- *Diabetes, obesidade e pressão alta preocupam médicos*

<https://arte.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/sebastiao-salgado/alto-do-xingu/diabetes-obesidade-e-pressao-alta-preocupam-medicos/>

- **Indígenas não querem ser assimilados, diz antropóloga no Ciência Aberta (duas partes):**

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/11/indigenas-nao-querem-ser-assimilados-diz-antropologa-no-ciencia-aberta.shtml>

- Lideranças indígenas de RR retiram quatro garimpeiros da reserva Raposa Serra do Sol

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/04/02/liderancas-indigenas-de-rr-retiram-quatro-garimpeiros-da-reserva-raposa-serra-do-sol.ghtml>

Fonte: Autoras

Depois da leitura, os participantes deverão tirar uma foto, em algum espaço do IFSP, que represente as informações contidas nas reportagens que foram lidas e debatidas. As imagens serão projetadas e todos e todas irão discutir sobre esses temas.

O papel da extensão para uma formação humana, descolonizada e transformadora

Ao aprender e ter contato com crianças migrantes, os estudantes dos cursos de Licenciatura, Bacharelado, Tecnologia e Técnico, que são bolsistas no projeto, têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, de respeitar as diversas culturas e preferências, além de aprender questões que dizem respeito à própria atuação profissional, podendo disseminar, no seu dia-a-dia, o respeito e a valorização de diferentes culturas. Além disso, a formação dos bolsistas é amparada pela supervisão de docentes em serviço voluntário e servidores que auxiliam na elaboração dos planos de aula e na fundamentação teórica do projeto.

Esse acompanhamento está sendo realizado pelas professoras orientadoras e pelo professor orientador, que produzem conjuntamente com os estudantes do IFSP os planos de ensino e realizam leituras e debates de textos acadêmicos que problematizam os princípios epistemológicos da educação intercultural e decolonial, além de organizarem um *site* com informações diversas sobre o projeto (<https://contatopertenser.wixsite.com/pertenser>).

Portanto, a proposta do projeto *PertenSer* valoriza, na sua essência, o papel da extensão para a formação profissional em uma perspectiva humana, descolonizadora e transformadora, possibilitando uma estreita relação entre o ensino, a pesquisa e as ações extensionistas, abrindo espaço para o diálogo intercultural entre os estudantes do IFSP e as crianças migrantes que residem no entorno da instituição.

Referências

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

GRANDO, Beleni Saléte; XAVANTE, Severiá Idioriê; CAMPOS, Neide da Silva. Jogos e brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de 18 grupos étnicos. In: GRANDO, Beleni Saléte. **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 123-136.

MAHER, Terezinha Machado. A Educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela; CAVALCANTI, Marilda Couto. **Linguística Aplicada**: faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação Física no Ensino Médio: experiências educativas inspiradas pelos ensinamentos freireanos. **Caderno de Educação Física e Esporte**. v. 18, n. 1, p. 1-6, 2020.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 153-168, 2003.

NEIRA, Marcos Garcia. **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOARES, Khellen Cristina Pires Correia; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer e experiência cultural: territorialidade e alteridade do povo Akwê-xere. **Licere**. Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 122-147, 2019.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de; MARTINEZ, Juliana Zeggio; FIQUEIREDO, Eduardo Henrique Diniz de. “Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito”: entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP). Dossiê Especial FICLLA. Revista X, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 5-21, 2019.

SOUZA, Maria Leidiane Barboza *et al.* Brincadeiras indígenas do povo Tembê do Alto Rio Guamá: diálogo entre a tradição e a modernidade. **Licere**. Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 452-475, 2019.

***PERTENSER PROJECT: THE ROLE OF EXTENSION IN TRAINING BASED ON THE
PERSPECTIVE OF INTERCULTURAL AND DECOLONIAL EDUCATION***

ABSTRACT

The objective of this essay has been to describe the extension project PertenSer: construction of interculturality with migrant children, which is coordinated by a technical-administrative employee, three professors of the Board of Humanities of the Federal Institute of São Paulo, and two volunteer teachers. The text contains a brief history of the project, its theoretical foundation and pedagogical organization. To show the relation between theory and practice in the extension activities, a class plan is described at the end of this essay. We conclude that the extension actions are extremely important to keep a dialogue-based, humanized and decolonialized relationship between the academic community of this institution and the migrants who live around IFSP.

Keywords: *Extension Project; Intercultural Education; Decolonial Pedagogy.*

Envio: maio/2020
Aceito para publicação: maio/2020